

Uma Coisa na Ordem das Coisas Faculdade de Letras, 8 de Novembro de 2012

Naquele bem conhecido prólogo dos editores à primeira edição das *Viagens na minha terra*, diz-se do autor – ou diz o autor dele mesmo, se é certa a crença de que foi Garrett quem escreveu tais palavras – que é dono de um “estilo inimitável”, encerrando uma “filosofia profunda”, em harmonia com “o grande e transcendente pensamento moral a que sempre tende”. Mas isto é só o começo. O prólogo desdobra-se depois em alargadas referências à cultura literária, aos dotes oratórios, ao talento lírico, ao engenho dramático e à argúcia política de quem leu Homero e Dante, Horácio e Lamartine, Chateaubriand e Shakespeare, Camões e Virgílio, Rabelais, Gil Vicente, Bentham e os muitos mais (e poucos não são) que ali vêm mencionados.

Não admira, assim, que, numa certa noite de luar, “noite macia de Abril ou Maio”, quando pela primeira vez viu Antero arengando nas escadarias da Sé Nova, Eça de Queirós tenha colhido daquele “bardo dos tempos novos” a imagem de um Garrett condizente com a dimensão de um ego quase mítico e que o prólogo das *Viagens* bem atesta. “Deus conversava com Garrett”, lembra Eça, pendente do verbo inflamado do amigo e mentor; “depois”, acrescenta, “conversava com Platão e com Marco Aurélio”, enquanto “os santos mais ilustres, os Agostinhos, os Ambrósios, os Jerónimos, permaneciam fora, pelos pátios divinos, sumidos numa névoa subalterna, como plebe imprópria a penetrar no concílio dos filósofos e dos poetas.” Alçado por Antero a uma esfera e a um convívio como os que o poeta das *Odes Modernas* ideava, Garrett fazia-se bem digno do cognome *divino* que o celebrou, em legitimação *post mortem* do retrato que de si mesmo configurou.

O Eça maduro que alguma coisa deve a Garrett admirou-o quase em silêncio, um silêncio decerto injusto mas a mais do que um título revelador do significado que encerra. Mas Eça não soube nem podia ter sabido de um outro colóquio,

terreno, neste caso, mas nem por isso menos frutífero: o de Ofélia Paiva Monteiro com Garrett. Um colóquio cujas convergências e divergências são bem ilustrativas da feição idiossincrática de ambos os interlocutores: convergências no plano da cultura literária e artística e também (de novo palavras do prólogo) pelo “profundo conhecimento dos homens e das coisas, do coração humano e da razão humana” que escritor e estudiosa dividem; radical e irreduzível divergência na atitude perante o saber, sendo certo que a professora e investigadora que agora homenageamos jamais a si mesma dedicaria tão enfático panegírico como aquele que Garrett quis para si, estampado na abertura do seu admirável livro de *Viagens*.

A obra que hoje apresentamos é, como se diz algures naquele livro, “uma coisa que estava na ordem das coisas, e que por força havia de suceder”. Repito: por força havia de suceder, porque alguns o pensaram e muitos o quiseram. Nem mais nem menos do que os quarenta e dois ensaístas que num livro de homenagem marcaram encontro para celebrar a Mestre e o muito que com ela têm aprendido. A esses quarenta e dois muitos mais se juntam: todos aqueles em quem a recordação da universitária ímpar ressoa com bem timbrada nitidez e que, por uma razão ou outra, não puderam colaborar nos “Estudos para Ofélia Paiva Monteiro”. O que neles se lê, pela diversidade de temáticas, de abordagens e de estilos, vem a ser, em gesto de emulação, uma celebração da riqueza, da variedade e da fecunda inquietação perante o saber que o magistério de Ofélia Paiva Monteiro tem estendido a quem a escutou e a quem a leu, ao longo de décadas.

Não é mestre quem quer, nem é discípulo quem se limita a ouvir com baça passividade. Mestre é aquele que os discípulos escolhem e distinguem, como modelo de inegociável seriedade intelectual. Mestre é quem encara a ciência não como capital imposto, antes como desafio e interpelação. Mestre é quem respeita no outro um olhar próprio e, como tal, digno de atenção. Mestre é quem estuda antes para ensinar depois, quem não se compraz com pouco, quem nunca desiste de entender, quem concebe a sala de aula como abertura para a vida, quem limpidamente sabe argumentar, quem tem carisma e revela paixão por aquilo que leciona, quem tem autoridade não por causa da idade, mas pela sagesa que a *matura idade* favorece. Mestre é aquele de quem os alunos dizem: um dia quero ser como

ele; neste caso, como ela. Por isso, Ofélia Paiva Monteiro foi, é e será a mestra que muitos reconhecemos como tal: os que foram seus alunos, os que não o tendo sido se declaram seus discípulos, os que a leem com proveito certo, os que a ouvem com gosto sempre renovado, os que buscam seguir os caminhos que abriu como universitária irrepreensível. Por isso, o volume a que chamámos *Uma Coisa na Ordem das Coisas* não é, como do outro disse o seu autor com falsa modéstia, nem despropositado, nem inclassificável.

Já agora continuo a amparar-me a esse outro livro e retomo palavras suas, para melhor me explicar. E assim, da complicada e de certa forma *impossível* empresa que aqui me cabe, convocado pelos meus cúmplices José Augusto Cardoso Bernardes e Maria Helena Santana, direi o que disse Garrett num passo das *Viagens*: “Não gosto de meter o escalpelo no mais perfeito da construção humana, nem de aplicar a lente ao mais fino e delicado do seu funcionar...” Seria, por isso, temerário atrevimento querer, neste momento e neste espaço, analisar com minúcia e com demora a rica, generosa, serena e multímida personalidade de Ofélia Paiva Monteiro, o seu labor como professora, a sua paciente dedicação à causa do ensino e da investigação, a sua capacidade para motivar nos outros a leitura, a reflexão, a escrita, a indagação do que não se sabe, a transmissão do que se aprendeu.

Para tentar dizê-lo (e de novo apelo à ajuda das *Viagens*, que com Ofélia Paiva Monteiro aprendi a ler), faço “por ser breve e ir direito quanto puder”. E mais: digo de Ofélia Paiva Monteiro que o mistério da sua exemplar vida de professora e de estudiosa não tem mistério algum, coisa com que aquele falso inocente que foi Alberto Caeiro por certo concordaria. O mistério da Mestra que ela tem sido e como o tem sido é simples de explicar: dedicação, entrega, tolerante generosidade, inteligência crítica, disposição para o diálogo. Querer complicar coisas aparentemente tão singelas, diria Caeiro, “é acrescentado, é como pensar na saúde/Ou levar um copo à água das fontes.”

Não levarei um copo à água das fontes, mas quero notar o seguinte: a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e a romanística que nela tem sido cultivada não seriam as mesmas sem a presença elegante e sedutora de Ofélia Paiva

Monteiro, ao longo dos anos e ainda hoje. Elegante nos modos de falar e de escrever; sedutora no encanto discreto que da sua pessoa emana, de forma natural e, por isso, cativante. Coisas bem fáceis de dizer, mas, agora reparo, bem difíceis de fazer, que me perdoe o poeta d’O *Guardador de Rebanhos*. Como só ilusoriamente fáceis, pela agilidade do pensamento e pela clareza da explanação, são os estudos de que Ofélia Paiva Monteiro é autora e não apenas os consagrados a Almeida Garrett. É verdade que de Garrett sabe Ofélia Paiva Monteiro bem mais do que o próprio soube de si mesmo, até mesmo por ser coordenadora da edição crítica das suas obras, louvável empreendimento a que a Mestra dos que aqui estamos se tem devotado nos últimos anos; mas a outros muitos tem Ofélia Paiva Monteiro dedicado a sua atenção crítica e a sua fina erudição: a Alexandre Herculano e a Camões, a Eça de Queirós e a Camilo Pessanha, a Madame de Lafayette e a Stendhal, a André Gide e a Diderot. Como se fora isto pouca coisa, Ofélia Paiva Monteiro tem desdobrado a sua condição de professora na de orientadora de incontáveis dissertações académicas que, beneficiando do seu sentido de exigência, mas também da sua quase lendária paciência, são prova de uma irrevogável dedicação à universidade que escolheu como sua.

Passa-se esta homenagem a Ofélia Paiva Monteiro, como devia ser, na Universidade de Coimbra e na presença do Magnífico Reitor. Que o mesmo é dizer: saudamos a professora no espaço que lhe é próprio e na *alma mater* em que competente e dedicadamente exerceu o seu magistério, depois de nos anos 50 ter rumado do Porto (o Porto de Garrett) a uma Coimbra onde nunca perdeu por inteiro o saboroso sotaque tripeiro que é parte do seu *charme*. Coimbrã de adoção, mas não coimbrinha de mentalidade (o seu bom gosto não lho consentiria), Ofélia Paiva Monteiro é hoje, pelo exemplo vivo que constitui, um estímulo à nossa sobrevivência como universitários. Digo à nossa sobrevivência porque bem sentimos que uma universidade que não tem escapado à crise – crise que ela mesma abrigou, incorporou e às vezes alimentou – carece de figuras de referência que nos ajudem a dar à condição de universitários um sentido concordante com os tempos de chumbo que estamos a viver e com aqueles que hão de vir.

Mais e já agora: se tanto falamos hoje em crise das Humanidades – uma crise que em boa parte é efeito da cegueira que a alguns impede de olharem para fora das paredes que nos resguardam –, importa termos presente que uma escola como a Faculdade de Letras carece de impulsos de reinvenção que vão para além, bem para além, dos pequeninos interesses pessoais e da fixação em rotinas pedagógicas que os passes mágicos de Bolonha não chegam para desalojar. E precisa também de estudar mais e de festejar menos, de saber distinguir a criatividade da desorganização, a renovação da falsificação pedagógica, a ousadia da irresponsabilidade, a investigação séria da diletante divagação. Infelizmente para alguns e felizmente para outros, a Universidade de Coimbra já não está isolada do mundo, entrincheirada no alto da sua colina sagrada e virada para o umbigo das suas praxes e dos seus rituais, no culto de uma autossuficiência que desmente gritantemente a responsabilidade social que lhe é pedida.

São muitas destas coisas que agora refuto tudo o contrário e muito pelo contrário do que sempre conhecemos em Ofélia Paiva Monteiro: a curiosidade intelectual de que ela é testemunho vivo (curioso, convém lembrar, é aquele que zela e cuida), a desinteressada entrega ao ensino e à orientação de alunos, mestrandos e doutorandos, o sentido institucional de quem sabe que não basta *estar* na universidade para *ser* universitário. Eis em breves e toscas palavras muito do que deve levar-nos a olhar de forma exigente para a universidade e para as Humanidades, tendo bem viva entre nós a presença exemplar de Ofélia Paiva Monteiro; e tendo também a consciência de que neste seu e nosso tempo faz sentido a advertência sombria, porém sábia daquele frade que nas *Viagens* nos avisa: “A sociedade já não é o que foi, não pode tornar a ser o que era; mas muito menos ainda pode ser o que é”.

Por tudo isto e pelo mais que fica por dizer – porque me falece o engenho, não porque faltem à homenageada outras qualidades a realçar –, entregamos hoje a Ofélia Paiva Monteiro o volume *Uma Coisa na Ordem das Coisas*, selado com a chancela prestigiada da Imprensa da Universidade de Coimbra que o editou. É um livro, mas é mais do que um livro, porque nele perpassam afetos e lembranças de quem quis retribuir alguma coisa do muito que recebeu. Ideias e juízos, análises e

ponderações. Palavras, em suma, porque delas e para elas vivemos, mas palavras que vêm impregnadas do calor e da emoção de muitos que quiseram dizer a Ofélia Paiva Monteiro um sincero bem haja que é de hoje, de sempre e para sempre.

Carlos Reis